

6.

Revelando conflitos e entendimentos no contexto da família

O segundo capítulo de análise dessa dissertação trata de narrativas de experiências que dizem respeito ao ambiente familiar dos jovens universitários disléxicos entrevistados. Neste capítulo, serão vistos analisados segmentos em que são narradas não apenas situações vivenciadas no âmbito da família, mas também que indicam como os participantes constroem e os familiares e a relação estabelecida com eles ao longo da infância e da adolescência.

Nas seções apresentadas no decorrer do capítulo, novamente iniciaremos com os segmentos da entrevista entre Isabel e a pesquisadora. Em seguida, analisaremos os segmentos da entrevista com Ricardo. Os trechos analisados, como no capítulo anterior, são recortes das entrevistas feitas individualmente com cada um deles.

Isabela e Ricardo, quando revelam questões referentes à estrutura familiar, narram momentos de conflitos e de entendimentos, mostrando, muitas vezes, um engajamento ou um afastamento dos pais ou de outros familiares diante da dislexia que exige, dentre outras questões, posicionamentos importantes referentes às decisões escolares.

Ao tecerem, durante o momento de interação com a pesquisadora, narrativas que trazem construções, considerações e visões sobre a família, os jovens também projetam suas identidades enquanto membros da estrutura familiar à qual pertencem, fazendo emergir também um *self* emocional ou reflexivo.

Para esse capítulo, optamos por apresentar, separadamente, cada membro familiar construído pelos participantes. Primeiramente, observamos como constroem suas mães. Em seguida, veremos como a figura do pai emerge em cada uma das famílias. Embora não sejam filhos únicos, Isabela e Ricardo não constroem identidades referentes aos irmãos.

6.1

Mãe

Veremos, nos trechos a seguir, como os jovens universitários com dislexia narram algumas relações estabelecidas com suas mães dentro e fora da estrutura familiar. Através da forma como relatam suas experiências e trazem ao momento da interação discursos relatados, nesses segmentos, desenvolvem processos de (in)compreensão, esforço ou desistência. Enquanto Isabela constrói sua a mãe, em distintos momentos da entrevista, de múltiplas formas em diferentes contextos, conforme Hall (2011), Ricardo constrói a sua me de modo positivo, ressaltando incentivos e superações. A entrevista de Isabela é a mais longa e apresenta mais construções sobre a mãe. Por essa razão, essa seção apresentará mais recortes construídos por essa participante.

(i) *Isabela e a mãe com “mil plantões”*

A sequência 11 diz respeito ao primeiro momento em que Isabela constrói entendimentos sobre a estrutura familiar, em narrativa de experiências de vida. Nesse trecho, ela desenvolve percepções sobre a família à qual pertencia antes do divórcio de seus pais. Nesse momento da entrevista, ela falava sobre as dificuldades que enfrentava na escola e em casa no primeiro ano do ensino fundamental II (antiga quinta série).

Sequência 11

187 188 189	2	Isabela	Então aquilo tão enorme para mim. E aí, esse período foi um período muito complicado, porque assim, a minha mãe é médica ... pediatra.
190	1	Talita	Uhun.
191	2	Isabela	O meu pai é segurança.
192	1	Talita	Ahan.
193 194	2	Isabela	O meu pai ficava comigo em casa quando a minha mãe ia dar os quinhentos mil plantões da vida dela.

No segmento 11, Isabela focaliza, em sua narrativa de experiências de vida, o contexto familiar. Na orientação da narrativa, ela constrói percepções sobre um momento difícil de sua vida (esse período foi um período muito complicado), associando a complexidade do momento ao papel social desempenhado por sua mãe (porque assim, a minha mãe é médica ... pediatra). Após retratar que o pai era segurança e ficava com ela em casa durante o dia, constrói a mãe como uma pessoa sobrecarregada profissionalmente e, conseqüentemente, ausente na estrutura familiar naquele momento de sua vida (O meu pai ficava comigo em casa quando a minha mãe ia dar os quinhentos mil plantões da vida dela – ls. 193 e 194). Os muitos plantões de sua mãe a afastavam do lar, acarretando construções negativas por parte de Isabela. Nesse trecho, a jovem universitária constrói suas percepções através de categorizações, usando as identidades sociais dos pais para justificar a ausência da mãe. Por outro lado, enfatiza em “quinhentos mil plantões” uma construção mais negativa sobre a identidade social da mãe se comparada à do pai. A estrutura familiar aqui é construída a partir das identidades relativas às profissões dos pais.

(ii) *“Nunca mais chamaram minha mãe na escola”*

A sequência 12 faz parte do momento em que Isabela narra que a orientadora do Setor educacional havia chamado sua mãe para conversar sobre o comportamento da jovem. No episódio relatado por Isabela, a profissional da escola tece críticas sobre sua postura e a mãe não só a defende, como conta para Isabela o que havia conversado com a orientadora, mostrando indignação.

Sequência 12

236		Isabela	Aí minha mãe, com toda a delicadeza do momento né? Hh
237			Nunca se deparou com tal, até porque minha mãe nunca
238			foi assídua nas reuniões de pais, até por conta da própria...
239	1	Talita	Prof[issão].
240	2	Isabela	[Da Pr]ofissão, né? Ela falou assim “A minha filha está
241			passando por um momento difícil, de separação minha e
242			do pai dela, e eu to acompanhando isso, assim”. E aí ela foi
243			instigando mais a minha mãe, instigando mais a minha
244			mãe, tanto que quando a minha mãe voltou em casa, ela
245			falou assim, desculpa eu usar o termo ↑“eu to puta!”

246	1	Talita	Hh
247	2	Isabela	“↑Que isso? Ela quis falar que você era isso, que você era aquilo, pa, pá. Fui logo e acabei com ela”. Tanto que nunca mais chamaram a minha mãe na escola. Não sei se, mas enfim.
248			
249			
250			

É possível observar, por meio da continuação da narrativa apresentada no segmento anterior, que a jovem universitária retoma a construção da mãe novamente a partir de sua identidade social e profissional. É dessa forma que justifica a ausência dela e a constrói como médica, ocupada, não assídua em reuniões de pais. É, dessa forma, alguém que mantinha uma relação afastada com a escola em que a filha estudava (Nunca se deparou com tal, até porque minha mãe nunca foi assídua nas reuniões de pais).

Ainda nesse segmento, é possível verificar, através do discurso relatado que remete à resposta dada pela mãe de Isabela à orientadora (“A minha filha está passando por um momento difícil, de separação minha e do pai dela, e eu to acompanhando isso, assim” – ls. 240-243) elementos de orientação de sua narrativa. Nela, a voz da mãe constrói-se diante da escola como alguém que acompanhava a realidade vivenciada por sua filha naquele período. Construía-se, dessa forma, como mãe presente, atenta ao que acontecia com Isabela dentro de casa.

A ação complicadora, no entanto, não é explicitada quando Isabela detalha a ação da orientadora, de forma negativa (ela foi instigando mais a minha mãe, instigando mais a minha mãe - l242-243), embora contenha a reação da mãe, em função da fala da orientadora (quando a minha mãe voltou em casa, ela falou assim, desculpa eu usar o termo ↑“eu to puta!” – ls 244, 245).

Isabela narra também, no trecho seguinte, através do discurso relatado, a ação complicadora: “↑Que isso? Ela quis falar que você era isso, que você era aquilo, pa, pá. Fui logo e acabei com ela” (ls 248, 248). A ação da mãe, ao ouvir as críticas, é de alguém zangada, que defende Isabela.

A narrativa de Isabela revela a relação que possuía com a mãe que, nessa construção, pode ser percebida como protetora e defensora da filha. Isabela aponta, na resolução de sua narrativa que, por essa razão, a mãe nunca mais fora chamada ao

colégio (Tanto que nunca mais chamaram a minha mãe na escola. Não sei se, mas enfim. – l248-250).

(iii) *Isabela e a mãe que ensinava Ciências*

A sequência 13, na narrativa de experiências de Isabela, faz parte do momento em que ela fala sobre as dificuldades com as disciplinas do colégio. Após dizer que a grande dificuldade era com Matemática, recorda que também possuía dificuldades com Ciências. Nesse trecho da entrevista, constrói a mãe como alguém presente em sua vida escolar cotidiana.

Sequência 13

355	2	Isabela	E tinha, e tinha, e também tinha um certo bloqueio pra ciências. Mas aí minha mãe vinha: “Filha, vamos tentar entender isso aí.” Eu sempre estudei muito ciências com a minha mãe.
356			
357			
358			
359	1	Talita	Entendi.
360	2	Isabela	Minha vida toda, assim, de escola, eu estudei ciências com a minha mãe. E aí eu fui passando por isso.
361			

Nas primeiras linhas do segmento, Isabela relata dificuldades com Ciências. Em seguida, traz ao relato a voz de sua mãe (“Filha, vamos tentar entender isso aí.” – l.356-357) para construí-la como uma mãe paciente, disponível para estudar com a filha. Em seguida, reafirma a presença e a disponibilidade de sua mãe para os estudos, desenvolvendo, através do advérbio “sempre”, a ideia de que essa atividade era frequente (Eu sempre estudei muito ciências com a minha mãe – l.357+358).

Em seguida, pela segunda vez, Isabela constrói a mãe como sempre presente no momento dos estudos de Ciências (Minha vida toda, assim, de escola, eu estudei ciências com a minha mãe – l.360-361), avaliando que passou pelo período escolar com a ajuda de sua mãe (E aí eu fui passando por isso. – l.361).

(iv) Isabela e a mãe que concorda com não passar de ano

A sequência 15, durante a narrativa de experiências de vida, é um fragmento do momento em que Isabela narra experiências sobre a nova escola. Ao relatar experiências no novo colégio, Isabela estabelece reflexões sobre as dificuldades e ao modo como a mãe lidava com a questão.

Sequência 15

162	2	Isabela	E aí, na sexta série, quando eu me deparo com isso, eu me deparo com uma coisa muito muito meio que anormalida... que isso. “Eu não to conseguindo entender”. Eu não to conseguindo entender. Eu lembro que minha mãe falou assim “Se você não sabe, você não tem que passar, não tem que passar de série.” E eu falei assim ↓ “mas num” ...
163			
164			
165			
166			
167			
168			
169	1	Talita	Eu não consigo.
170	2	Isabela	Isso, eu não consigo. Eu não consigo.

Nesse segmento, Isabela avalia o que sentia no colégio. Ao relatar situações passadas, recorre à própria voz (“Eu não to conseguindo entender” – l.164) para remeter a sentimentos presentes naquela época. Por diversas vezes, utiliza a construção “Eu não consigo”, no presente do singular, também coconstruída pela pesquisadora, para reforçar a ideia de que percebera a dificuldade e a relatava para sua mãe que, construída por Isabela no trecho, apresentava-se como alguém que não compreendia as razões das dificuldades da jovem e sugeria a reprovação de Isabela na escola (“Se você não sabe, você não tem que passar, não tem que passar de série.” – l.166-167). Dessa forma, as vozes que se contrapõem através do discurso relatado representam o embate entre mãe e filha, nas dificuldades escolares de Isabela.

Ainda nesse excerto, é possível notar, através da voz da mãe, trazida à narrativa por Isabela, que a jovem disléxica era, diante da construção da mãe, uma desacreditada (Goffman, 1979), alguém que “não tem que passar de série” por não corresponder aos saberes que a escola ensinava. A mãe, dessa forma, alinha-se também ao discurso reprovador da escola.

(v) *Isabela e a mãe que não acredita em sua aprovação*

Na sequência 15, Isabela e entrevistadora falam sobre motivações e aprovações no vestibular. Quando questionada sobre a principal motivação para o estudo para o ingresso na universidade, Isabela retoma sua narrativa de experiências, para estabelecer reflexões sobre esse período de sua vida, construindo novamente a figura de sua mãe.

Sequência 15

604	1	Talita	Mas o que te motivou? Eu tenho que passar, mas no que você mirou e falou “Eu tenho que passar?” Porque você poderia ter ficado...
605			
606			
607	2	Isabela	Exato.
608	1	Talita	Estática.
609	2	Isabela	Foi o seguinte: <u>todo</u> mundo falando, ↑minha mãe, °minha mãe°. E isso para mim foi o mais forte. Ela: “Eu não consigo mais. Enquanto mãe, enquanto médica, eu não consigo mais cuidar de você. ” (0.2) ((Chorando. Pesquisadora também se emociona)) E aí ela falou uma palavra assim, ela falou e aquilo para mim foi uma barbaridade, ela falou assim “Você já fez a sua matrícula na Estácio? Porque você não vai passar em nenhuma”, chorando, “Você não vai passar para nenhuma faculdade.”
610			
611			
612			
613			
614			
615			
616			
617			

No segmento, a pesquisadora questiona qual foi a principal motivação de Isabela, possibilitando o surgimento de uma nova narrativa que será coconstruída entre participante e entrevistadora (Mas o que te motivou? – l. 604). Em seguida, constrói a entrevistada como uma pessoa agente, ativa (você poderia ter ficado... Estática. – l.606-608). Para responder à pergunta feita pela entrevistadora, Isabela inicia um relato, trazendo à narrativa a voz de sua mãe (“Eu não consigo mais. Enquanto mãe, enquanto médica, eu não consigo mais cuidar de você. ” – ls. 610-612), agora construída, através de seu próprio discurso, como aquela que não consegue lidar com as dificuldades da filha.

Nesse momento da entrevista, a narradora constrói um *self* emotivo, envolve a pesquisadora e ambas choram diante dos relatos de Isabela, que segue avaliando as declarações da mãe como fortes e bárbaras. Isabela, ao narrar que sua mãe sugere que ela faça matrícula em uma universidade particular (Você já fez a sua matrícula na Estácio? L.

215), é construída no discurso de sua mãe como estudante, novamente, desacreditada, incapaz de passar para uma universidade pública (“Você não vai passar para nenhuma faculdade.” - 617). É, novamente, estigmatizada pelas dificuldades que possuía. Nesse segmento, o discurso relatado traz dramaticidade e fortes construções de si e do outro.

(vi) O pedido de ajuda de Isabela

A sequência 16 é parte do trecho em que Isabela narra o período em que decidiu fazer um pré-vestibular para tentar o ingresso em uma universidade pública. No segmento, ela relata o apelo feito a sua mãe, face a suas dificuldades.

Sequência 16

646 647 648 649	2	Isabela	Nesse momento, eu falei: “Tá ... Mãe, olha só, mãe, eu não consigo (0.2), eu não consigo aprender. Então, eu tô indo para o pré-vestibular para assistir só <História, Geografia, Português>, <Literatura e Redação>.”
650 651	1	Talita	Mas é curioso, né? É comprovado que você tem a dislexia ou é mais voltado para a discalculia?
652 653	2	Isabela	Então, foi quando eu falei: “Mãe, o que que é isso? Me ajuda”
654	1		Uhun.
655 656	2	Isabela	“Eu sei que você já semi desistiu, °mas, por favor, me ajuda”°

Como em muitos momentos da entrevista, Isabela relata que verbalizava suas dificuldades. Novamente, utiliza o verbo “conseguir”, na primeira pessoa, fazendo referência a ela mesma para construir-se como uma estudante que precisava de ajuda para estudar. No segmento, Isabela, inicialmente, narra, através do discurso relatado, uma conversa com a mãe. A entrevistadora interrompe o relato, fazendo uma pergunta sobre o caráter do distúrbio que possui e é ignorada, visto que Isabela engaja-se para continuar a narrativa que iniciara antes da pergunta.

Nos discursos relatados que se seguem, ainda na voz de Isabela, ela mesma se constrói não somente como aluna, mas como filha que precisa do apoio da mãe (Quando eu falei: “Mãe, o que que é isso? Me ajuda” – ls. 652-653). Já a mãe, ainda no diálogo

construído por Isabela, é alguém que pouco a pouco desiste da filha, que apela, insiste em ser ajudada (“Eu sei que você já semi desistiu, °mas, por favor, me ajuda”° - ls. 655-656).

(viii) *O mérito solitário da aprovação de Isabela*

No segmento 17, analisado a seguir, Isabela narra o momento em que soube de sua aprovação no vestibular. Ao construir impressões sobre a época, narra também a conversa que teve com sua mãe sobre a conquista.

Sequência 17

918 919 920	2	Isabela	Mas, de fato eu vi meu nome na lista. E, aí, eu falei assim: que isso? ↓Que, que, deu certo, sabe? Deu certo ficar até 4 horas da manhã estudando, revisando tudo.
921	1	Talita	Uhun.
922 923 924 925 926	2	Isabela	Sabe? Deu certo, às vezes virar a noite tendo que tomar, tendo que tomar (0.2) Red Bull e café de manhã pra poder tá a, além, além do remédio tendo que tomar red, red Bull e café pra poder tentar entender, pra poder acompanhar, pra poder fazer isso tudo. <u>Deu certo</u> .
927	1	Talita	Uhun.
928 929	2	Isabela	Mesmo que fui numa escala muito menor do que eu poderia ter, ter feito.
930	1	Talita	Uhun.
931 932 933 934 935 936 937 938 939 940 941 942 943	2	Isabela	Eu sei que poderia ter sido muito mais, mas naquele momento foi o máximo que eu consegui fazer. Foi o máximo que eu consegui fazer. E aí, eu confesso que quando, quando eu vi, e aí eu, quem até falou pro, pra minha mãe não fui eu, foi meu melhor amigo, que falou que eu passei pra minha mãe. Aí ela falou comigo: “Filha, parabéns”. Eu lembro que foi, foi muito orgulho mesmo, ↓eu falei, eu fui até meio, eu fui rude, muito rude com a minha mãe, eu falei assim: “É, eu passei”. Ela: “É, você passou”. ((Isabela emociona-se. Pesquisadora também)) Eu falei assim: “O mérito é meu. O mérito é meu, porque eu consegui passar por tudo isso que eu passei esse ano”. Ela falou assim: “O mérito é só seu. O mérito é só seu”

No segmento, Isabela narra como se sentia diante da aprovação no vestibular (de fato eu vi meu nome na lista - l. 918). Projeta um *self* reflexivo para avaliar que o sacrifício para estudar, feito na época, teria trazido resultados positivos (Deu certo ficar até 4 horas da manhã estudando, revisando tudo. ls. 919-920). Ao relatar as atividades que realizava para

conquistar seu objetivo (às vezes virar a noite tendo que tomar, tendo que tomar (0.2) Red Bull e café de manhã – l. 923), se constrói também como estudante esforçada, determinada a ingressar em uma universidade. Os detalhes que traz à narrativa não só aumentam a dramaticidade, mas também intensificam a importância da conquista. Com ênfase prosódica, marca a conquista através do esforço e das dificuldades trazidas pela dislexia (Deu certo. - l. 926).

Após detalhar seus esforços, Isabela constrói uma avaliação menos positiva, relatando que poderia ter feito mais, desconstruindo, em seguida, a mesma ideia, estabelecendo reflexões de que no momento fez o máximo que poderia ter feito (naquele momento foi o máximo que eu consegui fazer – ls. 931-932).

Isabela relata também que o melhor amigo contou sobre sua aprovação para sua mãe. Nesse momento, conta, remetendo à voz dela, a parabenização que recebera pela aprovação. Ao relatar a resposta dada a sua mãe, Isabela projeta não apenas *self* reflexivo, mas também emotivo, a partir das adjetivações e do uso de primeira pessoa do singular, para avaliar seu comportamento como orgulhoso (foi muito orgulho mesmo – l. 937) e rude (eu fui rude, muito rude com a minha mãe – ls. 938-939), visto que, ao relatar sua voz, constrói a ideia de que o mérito da aprovação era somente dela (“O mérito é meu. O mérito é meu, porque eu consegui passar por tudo isso que eu passei esse ano”) – o que faz emergir construções da mãe como omissa, não participante da conquista da filha e o embate existente entre elas, embora sempre em função das dificuldades vivenciadas por ambas. Na sequência, ao trazer à narrativa a voz de sua mãe (O mérito é só seu. O mérito é só seu”), Isabela estabelece a concordância feita por ela, assumindo-se como ausente diante da filha vitoriosa. Dessa forma, as vozes relatadas por Isabela, polifonicamente, apontam não apenas como a jovem universitária se projeta, mas como configura-se o relacionamento entre mãe e filha, na resolução de sua narrativa.

(ix) Isabela e a mãe que é um exemplo para tudo

Na sequência 18, Isabela ainda narra sobre o processo de aprovação no vestibular. Durante a narrativa, estabelece reflexões e avalia o papel de pessoas que a

ajudaram a conquistar a vaga na universidade. Nesse momento, constrói sua mãe de forma distinta daquela que construíra antes.

Sequência 18

1402	2	Isabela	Então, eu assim, eu agradeço, eu agradeço por essas pessoas que me deram esses estímulos assim, né? Mesmo a minha mãe, quando ela falou que tinha desistido de mim, eu sabia que no fundo, no fundo não era, ela, ela, foi uma coisa que ela falou comigo assim: ↓“É, é muito ruim a gente viver sofrendo”. E eu via a minha mãe, a minha mãe numa depressão profunda, assim.
1403			
1404			
1405			
1406			
1407			
1408			
1409	1	Talita	Uhum.
1410	2	Isabela	Profunda mesmo, porque quando o médico se depara com a falta da vontade de trabalhar.
1411			
1412	1	Talita	É.
1413	2	Isabela	↓Ainda mais minha mãe. Minha mãe, minha mãe é meu exemplo pra tudo. Meu exemplo de militância, a minha mãe é exemplo de vida, de mulher, de, de tudo que ela passou na vida, assim, minha mãe é meu exemplo. E, quando ela falou: ↓“Eu não quero trabalhar, eu prefiro a morte a trabalhar”. Aí eu falei: “Não, não, não”. E aí, quando ela falou pra mim, quando ela me viu numa, numa situação parecida, ela falou assim: “É muito difícil sofrer, cara.”
1414			
1415			
1416			
1417			
1418			
1419			
1420			
1421			

No segmento apresentado, Isabela constrói-se, através do pronome dêitico de primeira pessoa, como alguém grato aos estímulos recebidos ao longo da vida (eu agradeço, eu agradeço por essas pessoas que me deram esses estímulos assim – l. 1402), iniciando um movimento argumentativo com a utilização de uma pergunta retórica (né? – l.1402). Em seguida, constrói, em uma narrativa, a mãe como alguém que diz que desistiu dela, mas não se apresenta desse modo diante da filha (Quando ela falou que tinha desistido de mim, eu sabia que no fundo, no fundo não era,- l.1404). Isabela justifica a ausência de sua mãe através do quadro depressivo que apresentava. Por meio do vocábulo “mesmo”, intensifica ainda mais o adjetivo “profunda” (referente à depressão), construindo nova configuração da mãe.

No segmento, também traz à narrativa a voz materna que desabafa (“↓“É, é muito ruim a gente viver sofrendo” – l.1406). Constrói, dessa maneira, a mãe como portadora de depressão, como frágil e como sofredora (Profunda mesmo, porque quando o médico se

depara com a falta da vontade de trabalhar. – l.1410), não consciente, assim, das declarações de desistência que fazia para a filha.

Na sequência, a jovem universitária constrói, explicita e positivamente, a mãe como mulher forte, militante, exemplo para tudo na vida dela (Minha mãe, minha mãe é meu exemplo pra tudo. – l.1414) que, naquele momento, passava por questões emocionais sérias (↓“Eu não quero trabalhar, eu prefiro a morte a trabalhar” – l.1417). Diante disso, Isabela narra, através da apresentação de sua própria voz no passado (“Não, não, não – l.1418), que tentava combater a depressão de sua mãe, que insistia em desabafar e falar sobre a dor (“É muito difícil sofrer, cara.” – l.1420-1421).

(x) Ricardo e a mãe que superava seus medos para ajudá-lo

A sequência 19 faz parte da narrativa de experiências de vida de Ricardo e é uma das primeiras construções que faz de sua mãe ao longo da entrevista. Nesse recorte, Ricardo estabelece reflexões sobre o período inicial de tratamento feito com uma fonoaudióloga cujo consultório localizava-se em Niterói, cidade distante da cidade onde morava ao longo de sua infância.

Sequência 19

163	2	Ricardo	E toda terça-feira eu fazia os dois horários de consultas semanais. Eu saía de Friburgo. Minha mãe levava a comida no carro, eu vinha comendo. Saía meio-dia. A primeira vez que minha mãe pegou estrada e veio dirigindo. E ela é uma cagona. Foi, foi ...
164			
165			
166			
167			
168	1	Talita	Por conta disso.
169	2	Ricardo	Por conta disso. A gente pegou uma chuva danada. Minha mãe tava morrendo de medo. Ela falou “Deus, me dá forças. porque, >se toda vez que chover, eu ficar com medo de pegar a estrada<, <eu não vou conseguir ajudar o Ricardo>”. E a gente meteu o pé, embaixo de chuva, viemos. Quando chegamos, já estava um dia lindo e eu comecei o tratamento com a Regina.
170			
171			
172			
173			
174			
175			

Na sequência 19, Ricardo narra, na orientação da narrativa em foco, como eram as terças-feiras em que saía da cidade onde vivia (Eu saía de Friburgo – l.164) em direção a Niterói para fazer o acompanhamento da dislexia com uma fonoaudióloga. Nesse instante, constrói a figura de sua mãe como dedicada (Minha mãe levava a comida no carro – ls.165-166), disponível

para acompanhá-lo em seu cotidiano. Também constrói a identidade da mãe como alguém que enfrentava seus medos (Minha mãe tava morrendo de medo – ls.169-170) para ajudá-lo (A primeira vez que minha mãe pegou estrada e veio dirigindo. E ela é uma cagona – ls.165-167). Diante da dificuldade do filho, era heróica, forte.

Através do discurso relatado, Ricardo traz à narrativa a voz de sua mãe que, em forma de oração, construía-se como alguém que tinha vontade de ajudar o filho para que fosse possível fazer o acompanhamento em Niterói (“Deus, me dá forças. porque, >se toda vez que chover, eu ficar com medo de pegar a estrada<, <eu não vou conseguir ajudar o Ricardo>” – ls.170-173). A construção referente à mãe de Ricardo, diferente da mãe de Isabela nos trechos construídos entre ela e a pesquisadora, é de uma mãe presente, consciente da importância das consultas com uma fonoaudióloga.

(xi) Ricardo e a mãe que também tem dislexia

Na sequência 20, Ricardo fala sobre as dificuldades da mãe e o talento que ambos têm para a música. Ao longo da entrevista, o jovem universitário traz uma narrativa em que sua mãe também era disléxica (ver linhas 407 e 408 – Anexo 2) e, nesse segmento, constrói novamente percepções referentes a ela e às dificuldades enfrentadas em contextos pedagógicos.

Sequência 20

492	2	Ricardo	Minha mãe até fala “nossa, Ricardo, você tem tanto talento, por que você não estuda música? De verdade, né?” Aí eu falei, e ela sempre lamentou por eu não ter feito isso. Eu falei “mãe”, ela tem uma amiga, porque minha mãe vive assim nesse universo da música, lá na nossa cidade e tal. Aí eu falei “mãe, não tem não sei quem?” Ela falou “tem”. “Ela não tá fazendo a faculdade que você cursou hoje?” Porque minha mãe depois de toda aquela dificuldade, quando ela tinha quarenta e poucos anos, abriu um curso de música superior em Friburgo. Ela entrou na primeira turma e, apesar de toda a dificuldade dela, ela ainda conseguiu se formar, com a turma que começou e tal. Foi a primeira turma de formandos do curso Superior, que inclusive é de licenciatura.
493			
494			
495			
496			
497			
498			
499			
500			
501			
502			
503			
504			
505			

Nas primeiras linhas da sequência 20, Ricardo utiliza o discurso relatado para construir sua mãe como pessoa que reconhece seus talentos. Na voz dela, relatada por Ricardo, o jovem é construído como um filho talentoso que deveria estudar música profissionalmente (“nossa, Ricardo, você tem tanto talento, por que você não estuda música? De verdade, né?” – ls. 492-494). Em seguida, Ricardo narra o diálogo construído com sua mãe para elaborar as razões que o fizeram não seguir os conselhos dados por ela.

Ao estabelecer construções sobre o tópico, Ricardo relata que a mãe, mesmo com dificuldades para estudar (minha mãe depois de toda aquela dificuldade – l. 500), havia aberto um curso de música em Friburgo (quando ela tinha quarenta e poucos anos, abriu um curso de música superior em Friburgo – l. 501), o que faz emergir a construção de uma mãe dedicada, esforçada. Novamente, nas linhas que se seguem, reforça a ideia de que era difícil para ela concluir os estudos (apesar de toda a dificuldade dela, ela ainda conseguiu se formar, com a turma que começou e tal – ls. 502-504), o que permite novamente a construção da mãe como pessoa determinada, vitoriosa, digna de ser um exemplo para Ricardo.

Nesse segmento, a construção de Ricardo aproxima-se da construção elaborada por Isabela, pois, em ambas as entrevistas, construções de mães fortes e exemplares no que diz respeito ao estudo e à profissão foram feitas. De um lado, Isabela construiu uma mãe médica, exemplo de profissional e militância, de outro, Ricardo constrói uma mãe que conquista objetivos apesar de enfrentar dificuldades como a que ele enfrentou enquanto estudante disléxico. Assim como a jovem, Ricardo faz uso do discurso relatado para dar maior dramaticidade e dinamismo às histórias que elabora no momento interacional.

6.2

Pai

No decorrer dessa seção, analisaremos não só como os jovens universitários com dislexia narram relações estabelecidas com seus pais, mas também como constroem e atribuem identidades a eles através das histórias que contam e das vozes que trazem às narrativas elaboradas no processo de entrevista.

É interessante ressaltar, antes das análises, que o pai de Isabela divorciou-se da mãe da universitária quando ela tinha, aproximadamente, onze anos e o pai de Ricardo é advogado e professor na universidade onde o jovem estuda Direito. Tanto Isabela quanto Ricardo constroem, de forma positiva, seus pais ao longo da interação com a pesquisadora.

(i) Isabela e o pai que era “pãe”

Na sequência a seguir, Isabela constrói, pela primeira vez em sua narrativa de experiências de vida na entrevista, a identidade de seu pai. Nesse momento da interação, Isabela relatava as primeiras dificuldades no colégio novo e, após dizer que o pai era segurança e a mãe era uma profissional com muitos compromissos, avalia como se sentira diante da separação dos pais.

Sequência 21

196	2	Isabela	E aí quando meu pai saiu de casa, eu perdi meu chão.
197	1	Talita	Entendi.
198	2	Isabela	Eu perdi meu chão, porque meu pai era meu <u>pãe</u> , né?
199	1	Talita	Entendi.

No segmento 21, Isabela constrói-se como fragilizada após a saída do pai de sua casa (quando meu pai saiu de casa, eu perdi meu chão – l.196). Em seguida, repete, com pronome dêitico na primeira pessoa do singular, a ideia da fragilidade promovida pelo afastamento do pai do lar em que viviam. Isabela avalia que se sentia daquela forma, construindo a identidade social do pai, através da palavra “pãe” (junção das palavras “pai” e “mãe”) como membro que exercia não só a função de um pai, mas de uma mãe (meu pai era meu pãe – l.198). Finaliza, pedindo a confirmação da pesquisadora-entrevistadora (né?), que avalia que entende o que a universitária relatava no momento (Entendi – l.199).

(ii) Isabela e o pai com quem se pode contar

Na sequência 22, Isabela relata para a pesquisadora sua principal motivação para voltar aos estudos e fazer a prova do vestibular. A primeira voz trazida à contagem da história é de sua mãe (ver seção anterior), que constrói Isabela como desacreditada. Nesse instante, ao narrar o diálogo construído entre ela e a mãe, Isabela faz emergir uma nova construção de seu pai.

Sequência 22

609	2	Isabela	, “Você não vai passar para nenhuma faculdade.” E eu falei
610			↑“O QUE? O QUE?” Falei assim “Pai, >você volta a pagar
611			meu pré-vestibular?”<. Aí ele falou assim “Volto!”. Aí eu fui
612			ao pré-vestibular e falei assim “Agora eu vou estudar. Nem
613			que seja para estudar só as minhas específicas, porque eu
614			vou fazer minhas específicas e vou passar”.

Após trazer à narrativa a voz de sua mãe e a resposta dada a ela, Isabela relata a pergunta feita ao seu pai após a conversa com a mãe (“Pai, >você volta a pagar meu pré-vestibular? – l. 610). Ao narrar que seu pai voltaria a pagar o curso de pré-vestibular através da voz dele, afirmativa e engajada (“Volto!”), Isabela o constrói como pai disponível, pronto a incentivar o que a decisão tomada pela universitária. É, dessa forma, construído como pai que se contrapõe à mãe, que constrói Isabela como pessoa acreditada, isto é, digna de investimento. É o provedor, o apoiador.

Após a resposta do pai, Isabela dá continuidade ao tópico através de sua própria fala, no presente do singular e com o pronome dêitico de tempo “agora” para fazer referência a um tempo passado (“Agora eu vou estudar. Nem que seja para estudar só as minhas específicas, porque eu vou fazer minhas específicas e vou passar” – l.612-614), construindo-se como motivada e determinada a passar.

(iii) Ricardo e a admiração pelo pai

Na sequência 23, Ricardo narra como foi a experiência de ingressar em uma universidade. Ao avaliar esse período, constrói a identidade de seu pai, projetando também um *self* reflexivo.

Sequência 23

565	2	Ricardo	Aí ... eu me matriculei no vestibular. É uma faculdade
566			partícula::r, então não tem essa exigência toda pra eu
567			entrar na faculdade, né, e me matriculei. Pô, meu pai saiu
568			do na::da, do nada mesmo. Meu pai conheceu o pai dele
569			com quase 50 anos e a minha avó mal sabia escrever o
570			próprio nome. Quem pagou os estudos do meu pai foi o
571			patrão da minha avó, que trabalhava em casa de família.
572			Isso é do nada mesmo. Aí não tem como você não sentir
573			amor.

No segmento, observamos uma narrativa (ls. 565-567) que funciona como preparação para uma nova história. (ls. 567-573) Assim que relata a matrícula feita em uma universidade particular, avaliando que o ingresso não necessitava de uma rigorosa exigência (É uma faculdade partícula::r, então não tem essa exigência toda pra eu entrar na faculdade – ls. 565-567), Ricardo constrói a identidade de seu pai, atribuindo-lhe características de alguém que não tinha boas condições financeiras na infância (meu pai saiu do na::da, do nada mesmo – ls. 567-568), pois o avô era ausente (Meu pai conheceu o pai dele com quase 50 anos – ls. 568-569) e a avó pouco escolarizada (a minha avó mal sabia escrever o próprio nome – ls. 569-570).

Ricardo constrói seu pai também como um pai vitorioso, que teve os estudos pagos pelo patrão de sua avó (Quem pagou os estudos do meu pai foi o patrão da minha avó, que trabalhava em casa de família – ls. 570-571) e que conseguiu progredir na vida apesar dos contratempos. Ao final da construção, Ricardo projeta um *self* emocional, demonstrando admiração e afeto através do dêitico “você” que não é direcionado à pesquisadora, interlocutora presente, mas a ele mesmo (Aí não tem como você não sentir amor – l.572-573).

(iv) Ricardo, o pai professor e advogado, a influência na escolha pela profissão

Na sequência 24, Ricardo narra lembranças da infância, do tempo em que saía da fonoaudióloga em Niterói e observava seu pai no escritório onde trabalhava. No mesmo segmento, o jovem universitário também avalia as influências recebidas pelo pai, que é professor universitário e advogado.

Sequência 24

757	2	Ricardo	O meu pai, hoje em dia, ele também dá aula na faculdade que eu curso, né? Ele foi convidado para dar uma cadeira lá na faculdade, uma matéria que ensina sobre a atividade do advogado. Essa matéria é do décimo período. Enquanto todos vêm dizendo >“olha, essa matéria cai no concurso assim.”<, >“no concurso tal, é assim”<, ele chega falando do estatuto da OAB, do direito e das prerrogativas dos advogados, do exercício da profissão, da defesa pela liberdade, pelo estado democrático, do direito...
758			
759			
760			
761			
762			
763			
764			
765			
766			
767	1	Talita	Da ética.
768	2	Ricardo	Ele passa essa paixão que eu aprendi mesmo sem ele me estimular. >Eu não contei essa história, né?< Quando eu finalmente falei “passei na prova”, ele sorriu todo derretido por dentro, mas nunca tinha falado, porque não queria me influenciar. Esse amor, mesmo que ele não quisesse, passou para mim. †“Ricardo, vamos para casa e precisamos comprar pão, pega o dinheiro com seu pai” e eu ia para o escritório e ficava vendo ele atender o cliente ou quando eu ia para o centro e acabava minha fono e precisava ficar esperando, via o cliente entrar, não >sei o que<, via aquele trabalho, aquele amor dele, palestra em escola pública sobre cidadania, porque já tinha esse conhecimento de causa por conta da profissão.
769			
770			
771			
772			
773			
774			
775			
776			
777			
778			
779			
780			
781	1	Talita	Ahan.
782	2	Ricardo	Tem influência maior de um pai? Não influenciou? †Claro que influenciou! Não tem como eu ter influencia maior que essa. Nessa época de formação, por conta dessa experiência pessoal comigo, ele passou, nas aulas dele, a perguntar, no primeiro dia de aula, durante aquela apresentação, >“Por que você quer fazer direito? Quer fazer concurso?”<, apresentava o plano da matéria, e, no final, perguntava “gente, alguém aqui tem conhecimento, sabe se tem algum tipo de dificuldade de aprendizagem ou algum tipo de distúrbio?” Vou dizer para você que não tem nenhuma sala que alguém não levante a mão. Inclusive eu quando fiz a matéria dele.
783			
784			
785			
786			
787			
788			
789			
790			
791			
792			
793			

No segmento, Ricardo reinicia a construção da identidade de seu pai por meio de uma nova narrativa com muitas avaliações externas. Utiliza o dêitico de tempo “hoje em dia” para estabelecer a atual ocupação de seu pai no momento da entrevista (O meu pai, hoje em dia, ele também dá aula na faculdade que eu curso, - l.757-759). Em seguida, relata que seu pai é um professor convidado pela universidade e avalia que, ao contrário de todos os professores que atuam no curso (Enquanto todos vêm dizendo >“olha, essa matéria cai no concurso assim.”<, >“no concurso tal, é assim”< - ls. 760-762), seu pai é o professor que pensa e leciona, apontando o lado ético da profissão (ele chega falando do

estatuto da OAB, do direito e das prerrogativas dos advogados, do exercício da profissão, da defesa pela liberdade, pelo estado democrático, do direito... – ls. 762-766). Ao construí-lo a partir de sua identidade social e profissional, Ricardo marca a diferença entre os outros e o pai, um professor diferente dos demais, consciente, importante para o curso.

Diante da construção do pai no papel de professor, Ricardo constrói *self* emotivo para estabelecer o que sente diante da dedicação de seu pai. Assim, avalia que aprendeu o que o pai sente pela profissão embora não fosse estimulado para isso (Ele passa essa paixão que eu aprendi mesmo sem ele me estimular – ls. 768-769). Inicia, a partir desse momento, a elaboração de uma nova história, direcionando à pesquisadora uma pergunta inicial para reestruturação de sua narrativa (>Eu não contei essa história, né?< - l.769).

Nesse instante, Ricardo volta a narrar sobre a opção de fazer faculdade de Direito, estabelecendo reflexões sobre a reação do pai ao saber de sua aprovação (ele sorriu todo derretido por dentro – ls. 770-771). Avalia, novamente, o que sente atribuindo ao pai a influência do amor que também tem pelo Direito (Esse amor, mesmo que ele não quisesse, passou para mim. – ls. 772-773). O pai é construído como profissional dedicado à carreira, exemplar para Ricardo.

Para dar continuidade à construção identitária do pai, recorre ao discurso relatado, trazendo à narrativa a voz de sua mãe (↑“Ricardo, vamos para casa e precisamos comprar pão, pega o dinheiro com seu pai” – l.773), que, na infância, solicitava a Ricardo que fosse ao encontro do pai para pedir dinheiro a ele no escritório onde trabalhava.

Em primeira pessoa do singular, Ricardo narra como eram as esperas no escritório em que o pai trabalhava, construindo um *self* reflexivo para contar sobre o passado e para remeter a momentos em que o pai atendia clientes ou ministrava palestras sobre cidadania em escolas públicas (ficava vendo ele atender o cliente ou quando eu ia para o centro e acabava minha fono e precisava ficar esperando, via o cliente entrar, não >sei o que<, via aquele trabalho, aquele amor dele, palestra em escola pública sobre cidadania – ls. 775-779). Novamente, o pai é, identitariamente, construído como profissional apaixonado pela carreira.

Nas linhas posteriores, Ricardo inicia um movimento argumentativo através de perguntas retóricas (Tem influência maior de um pai? Não influenciou? – l.782) para estabelecer que foi influenciado, indiretamente, pelo pai (↑Claro que influenciou! – l.783)

na escolha de sua própria profissão. Avalia ainda que não haveria possibilidade de não ser influenciado (Não tem como eu ter influencia maior que essa. – ls. 782-784).

Ricardo, nas linhas seguintes, volta a relatar e construir o pai no papel de professor universitário, estabelecendo reflexões sobre sua postura em sala de aula. Narra que, a partir da experiência que tem como pai de filho disléxico (por conta dessa experiência pessoal comigo, ele passou, nas aulas dele – ls.784-785), considera os distúrbios de aprendizagem em sala de aula, perguntando aos alunos, durante a apresentação do curso que ministra, se algum deles sabe se tem algum tipo de transtorno referente ao aprendizado (Apresentava o plano da matéria, e, no final, perguntava “gente, alguém aqui tem conhecimento, sabe se tem algum tipo de dificuldade de aprendizagem ou algum tipo de distúrbio? – ls.789-791).

Dessa forma, vimos a construção do pai de Ricardo entre o passado, no escritório em Niterói, e o presente, enquanto professor universitário da faculdade de Direito. É construído pelo filho como profissional competente que, considerando o distúrbio do filho, se preocupa em percebê-lo nos alunos. É, nos relatos de Ricardo, pai, professor e advogado admirável, responsável por sua escolha profissional.

Entendemos que, tanto para Isabela quanto para Ricardo, os pais têm uma importante função em suas histórias de vida, visto que são aqueles que motivam, incentivam ou sustentam a vontade de ingressar em uma universidade. Se, para Isabela, o pai é a base e a voz entusiasmada que sustenta seus estudos enquanto a mãe a vê de forma negativa e desacreditada, para Ricardo, o pai é a inspiração, o exemplo que o motiva a seguir a mesma carreira.

Através de discursos relatados, observamos que, nas narrativas de Isabela, a voz do pai e a voz da mãe estão sempre em contraponto, ao passo que, nas narrativas de Ricardo, a voz que representam a mãe serve para iniciar construções referentes à identidade do pai nos papéis de professor, advogado e pai.

Nos relatos de Isabela e de Ricardo, as identidades profissionais emergiram em sobreposição aos papéis de pai (de Ricardo) e de mãe (de Isabela). No caso de Isabela, a médica ocupada era construída diante das reuniões da escola assim como o advogado inspirador era elaborado por Ricardo para justificar sua profissão. Em

oposição, tanto a mãe de Ricardo quanto o pai de Isabela foram construídos como familiares heroicos, incentivadores e encorajadores.

Percebemos, em ambas as narrativas de experiências de vida de Isabela e Ricardo, como os pais são importantes em suas vidas, ao enfrentarem suas dificuldades com a dislexia.